

# plástico bolha

é involuntário...

Publicação dos alunos da graduação de Letras

Ano 1 - Número 1 - Março/2006

## Editorial

Ploct! Escrever a primeira palavra do primeiro editorial do primeiro número de um jornal é sempre uma tarefa complicada, mas acreditamos que esta onomatopéia é bem adequada para introduzi-los ao Plástico Bolha, um jornal em que o único compromisso é com a falta de regras pré-estabelecidas.

Este é um espaço feito pelos alunos da graduação de Letras, com o único objetivo de divulgar as nossas próprias produções textuais. Além disso, Plástico Bolha ainda se propõe a ser um agente de interação entre as diferentes instâncias do departamento. Todos terão vez. A cada edição, uma figura de destaque terá seu perfil publicado e um professor terá espaço para mandar sua mensagem para os alunos.

Neste primeiro número, o professor Paulo Henriques Britto inaugura a coluna *Aos Alunos com Carinho* com um interessante texto sobre a imagem do profissional de Letras e Lúcia Pacheco, recentemente reeleita para a direção do departamento, revela um pouco da sua história e do cotidiano do cargo, na coluna *Perfil*.

Os alunos Luiz Coelho, Marilena Moraes e Ana Maria Baião apresentam três poemas inéditos nesta edição de estréia. Camila Justino nos convida a passar 81 segundos na mente de um típico homem urbano moderno, Chiara di Axox nos brinda com um espirituoso micro-conto e Anna Parisi contribui com o hipnótico *O Mendigo*. Já Patricia Araújo relata o primeiro encontro com seu avô em *Memórias de Infância*.

Se você é aluno de Letras e quiser participar, basta enviar sua produção para o e-mail do CALÉ (o Centro Acadêmico de Letras, que produz este jornal): cale.puc@gmail.com. Lembramos que todo o tipo de produção é bem-vinda (contos, poemas, crônicas, ensaios, frases, traduções e loucuras de todos os tipos). Exerçam sua liberdade e criatividade.

Esperamos que a leitura do jornal seja tão prazerosa, inútil e involuntária quanto estourar plástico bolha. Divirtam-se.

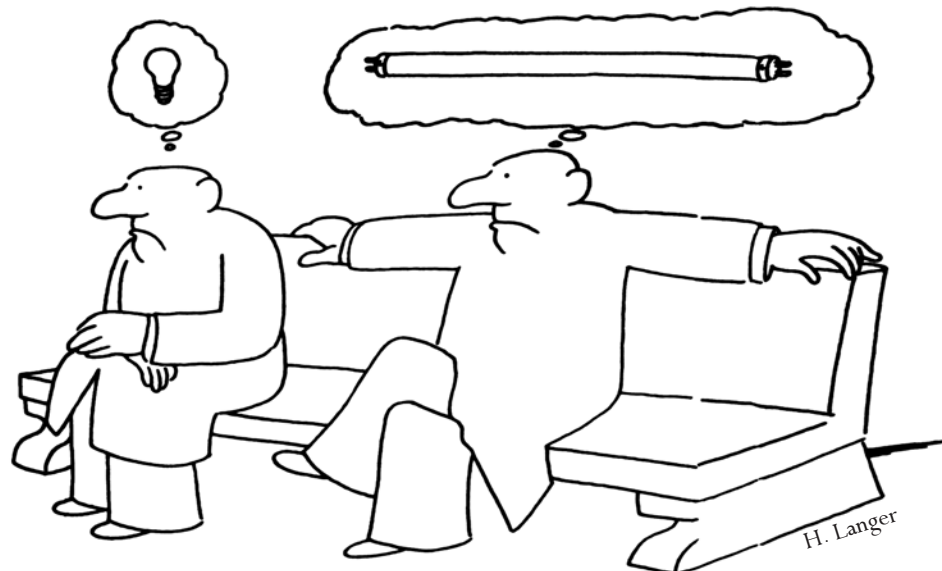


Foto exclusiva da primeira edição de Plástico Bolha.

### Conselho Editorial:

Paloma Espínola; Luiz Coelho;  
Camila Justino; Sueli Rios;  
Isabel Diegues; Julia Barbosa  
Beatriz Sayad; Chiara Di Axox;  
Mauro Rebello; Marilena Moraes

### Fotógrafa:

Márcia Brito

### Redator:

Pedro Neves

### Agradecimentos:

Marília Rothier; Violeta Quental,  
Departamento de Letras; Renata  
Cantanhede; Projeto Comunicar

### Editor:

Lucas Viriato

### Colaboradores:

Julia Barbosa  
Lucas Viriato  
Luisa Noronha  
Isabel Diegues  
Beatriz Sayad  
Sueli Rios  
Paloma Espínola  
Márcia Brito  
Chiara Di Axox  
Camila Justino  
Gabriella Lima  
Mauro Rebello

## Nos alunos com carinho

Há muitos anos, quando digo às pessoas que sou professor de tradução, quase sempre a reação é de espanto: mas isso se ensina na faculdade? De uns anos para cá, quando respondo que trabalho também no curso de formação de escritor, o espanto é maior ainda. Estudar letras para ser escritor? Como alguém pode *aprender* a ser escritor?

Por muito tempo, julguei que a perplexidade provocada pela informação de que eu ensinava tradução se devia apenas ao fato de que, para o senso comum, traduzir é uma atividade fácil demais para se ensinar na faculdade. Mas a reação semelhante despertada pelo curso de formação de escritor me obrigou a procurar uma explicação alternativa, já que ninguém imagina ser fácil escrever ficção, poesia, peças de teatro ou roteiros cinematográficos.

O que parece estar em jogo aqui é uma concepção de *naturalidade* associada à linguagem. Traduzir e escrever são atividades lingüísticas; ora, linguagem é algo que se adquire naturalmente. Assim, para quem jamais traduziu ou escreveu a sério, essas atividades, por pertencerem à esfera da linguagem, são *naturais*, no sentido em que respirar, comer e caminhar são naturais. Para traduzir, bastaria conhecer o idioma de origem e o de destino; o processo de tradução em si, por ser lingüístico, seria natural. E, para escrever, a única coisa necessária seria a “*inspiração*” — um dom inato, inefável, que levaria “*naturalmente*” à produção de obras de arte literárias, bastando para tal que o escritor exprimisse seus sentimentos. Também aqui não haveria nada que se pudesse aprender ou ensinar.

Nós, profissionais de letras, somos obrigados a viver explicando às pessoas que escrever, como traduzir, é, antes de mais nada, uma técnica que é necessário aprender, como qualquer outra; que é só com base nessa técnica que é possível se tornar artista. Vocês que estão adquirindo uma formação na área de letras certamente já terão tido oportunidade de travar contato com essa visão ingênua do ofício de escritor, causando espanto ao revelar que estão cursando letras para aprender a escrever ou traduzir. Preparem-se para ter boas respostas a dar a esse tipo de pergunta, porque vão ter de respondê-la muitas e muitas vezes. Dois séculos de romantismo deixaram no senso comum uma marca profunda demais para ser desfeita da noite para o dia.

**Paulo H. Britto**

Professor de formação do escritor e tradução

*...nho que esquecer essa mulher, tenho que esquecer. O que tá acontecendo comigo meu Deus? O que tá acontecendo? Uma dissimulada... aqueles dentes nervosos - brancos lindos grandes me mordem-, sua histeria acaba comigo, ela leva susto dormindo - linda dormindo-, eu tenho que tá do lado dela pra falar que ela tá viva, ela diz que de noite seu espírito sai do corpo, eu acho que vou ligar pra ela, eu vou ligar pra ela hoje à noite. Sair pra jantar quem sabe? jantar. Mas ela não vai querer, vai querer me levar pra um buraco, adora buracos imundos cheios de bêbados nojentos. Me meter de novo em buracos, tenho que esquecer essa mulher. Eu prometi que ia sumir da vida dela.O banco.Eu tenho que ir no banco hoje, droga. Esse ano as coisas têm que melhorar, vou começar a fazer horas extras, tenho que mostrar mais desempenho. Desempenho. Só falta esquecer aquela infeliz, não deixa eu ter vida. Porra, eu sou homem, eu tenho que ser o homem da parada, tudo vai mudar. Esqueci a pasta, ah, foda-se eu não vou voltar. O verão é sem vergonha, o sol nasceu para todas. Que ridículo aquela balofinha posando de modelo, a outra até que eu pegava, dá pra pegar. Tranqüilo. Na teoria é muito bom, mas o que a gente quer ver é mulher gostosa. Gostosa. Puta merda, esses infelizes, não vou dar dinheiro não, não quero bala, não quero guarda-chuva, não quero biscoito, quero que você suma. Esses moleques. Podiam tirar todos da rua e jogar longe, do outro lado da cidade. Onde está o governo? Esses moleques. Ficam olhando com cara de piedade pra cima da gente, eu não tenho pena não. Sou cidadão decente porra, tenham pena de mim seus infelizes, se soubessem o que aquela descontrolada tá fazendo comigo. Se ela tivesse aqui no carro, me obrigaria abrir a janela e comprar uma paçoquinha. Adora paçoquinha, ia perguntar o nome do menino, ia querer levar o menino pra casa com ela. E eu, estúpido como sempre, me sujeitando a tudo. E sempre acaba me fazendo rir. Odeio quando ela me faz rir - eu amo. Mas eu sou o homem, tudo vai mudar. Porra que mulher gostosa, como é que passa devagar em frente dos carros, parece que sabe que tão olhando pra ela, tá só provocando. Essas mulheres são umas vadias. Será que ela atravessa a rua assim, aí fica um marmanjo nojento querendo comer a minha mulher, minha mulher. Eu vou ligar pra ela agora, agora. Não, não. Não posso. Pô, vontade de mijar, que merda de trân...*

Camila Justino  
4° Período

### A meia trajetória do herói trágico

*Fazia 10 anos que vagava pelos desertos da morte. Não tinha direção. Apenas o hálito do monstro o acompanhava.*

*Calçando uma só sandália, símbolo de sua origem, carregava consigo o escudo dado pela deusa e a espada do pai-rei.*

*O sol alpino e o terreno escaldante gelavam seu coração bondoso. Os cabelos loiros começavam a grudar na face.*

*Parou, passou a mão na testa para tirar o suor, fincou a espada na areia e disse:*

*- Cansei!*

Chiara Di Azoa  
6° Período

## Perfil

# Muito prazer, Lúcia Pacheco

Recém-eleita para mais um mandato à frente do departamento de Letras, a diretora fala de livros, família, carreira e do atribulado cotidiano

“Você é um caso de dupla personalidade”, ouviu Lúcia Pacheco de Lílian Mary, sua professora de Prática de Ensino, que não entendia como aquela aluna calada podia exibir tanta desenvoltura à frente da turma, quando estava dando aula. “Sempre fui muito tímida, às vezes queria ser invisível. Exercendo a profissão, a gente se transforma. Você está fazendo o que gosta, se descobre”, explica a atual diretora do Departamento de Letras, reeleita para mais um mandato de dois anos.

Em 1969 Lúcia entrava na PUC como aluna de graduação, sem saber ainda que a sua vida, a partir de então, estaria fortemente ligada à instituição. Após percorrer um longo caminho, quase sempre vinculada à área de Cultura Americana, disciplina que ministrou durante vários anos, finalmente aceitou os primeiros cargos administrativos no departamento. Desde 2004, ela se divide entre as salas de aula e o gabinete no terceiro andar do Padre Leonel Franca, onde – entre uma reunião e outra – ainda arranja tempo para os seus orientandos e consegue tocar uma variada gama de projetos. Entre as realizações da última gestão, estão a Especialização em Literatura Brasileira, a implementação do novo currículo e a realização de uma série de eventos oferecidos aos alunos como atividade complementar. Mas não faltam itens em sua lista de “coisas a fazer”:

“Quando assumi a direção do curso, tinha três objetivos: dar maior visibilidade, garantir a viabilidade financeira do departamento e integrar

as pessoas do departamento, inclusive os alunos de graduação com os da pós-graduação, o que acabou ficando para a segunda etapa. Mas existem coisas pequenas também, como mexer com o visual do curso: as placas e as portas estão muito feias”, analisa, com a fala pausada, que se mantém suave e calma durante toda a entrevista.

Ainda que tenha nascido em uma família de engenheiros, Lúcia sempre foi cercada pelos livros, desde pequena. “Mas meu pai era um engenheiro diferente, que lia Shakespeare, gostava de ler”, frisa. Apesar disso, ela aponta como exemplos da carreira que viria a seguir a mãe e a avó, professoras primárias. Sempre tímida, se encantou por Dickens e leu muito Jorge Amado, ainda jovem. A paixão por literatura americana e inglesa surgiu logo depois e acabou se tornando sua principal área de estudos. Hoje, nos raros momentos em que não está lendo nada “técnico”, se delicia com clássicos do teatro inglês e com as crônicas de Martha Medeiros, na Revista O Globo.

Com quase quarenta anos de PUC, ela diz precisar de um refúgio, onde não tenha que se preocupar com nada relativo ao trabalho. “Se fico no Rio, acabo fazendo as mesmas coisas. Fico tentada a sentar no computador, ler um trabalho”, diz Lúcia, que, sempre que pode, passa os fins de semana em uma pequena propriedade em Araras, onde gosta de colher o almoço em uma horta, ao lado do marido, o engenheiro **Ronaldo Pinto de Oliveira, também ex-aluno da PUC**, com quem teve dois filhos.

Além de viajar e cuidar das verduras da horta, Lúcia revela gostar muito de decoração,

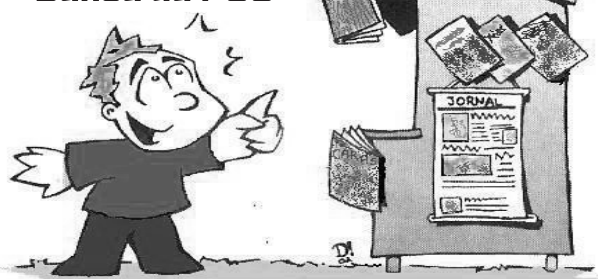


mas não tem tempo para este hobby. Quando assumiu a direção do departamento, imprimiu um pouco de seu estilo no gabinete, mudando alguns objetos e mexendo na decoração do lugar. Afinal, é lá que ela passa muitas horas todos os dias. “Sempre de porta aberta. Estão sempre entrando, falando, pedindo algo. A parte acadêmica eu acabo fazendo no meu tempo extra, ou seja, em casa, à noite. Ou então, eu não chego tão cedo. Se não chego aqui cedo, não é que não esteja trabalhando, estou trabalhando em casa. Porque se eu vier para corrigir texto de aluno, ler tese e dissertação aqui, ficaria difícil”, afirma, sem tom de queixa.

E, depois de chegar do trabalho, ler toda a sorte de textos, verificar e-mail, cuidar das obrigações de casa, ela garante que ainda sobra tempo para organizar o casamento do filho, ir às audições de canto lírico da filha, e ainda para momentos de puro ócio e reflexão. Ao falar desses momentos, ela lembra Pascal, um de seus pensadores preferidos. “Ele dizia que a felicidade está em se poder conseguir ficar sozinho no seu quarto. Ele quer dizer que você precisa saber conviver consigo mesmo, sempre. Se você está bem consigo, está tudo bem”, filosofa.

Este perfil foi editado com base em entrevista realizada em janeiro de 2006

### Banca da PUC



**CARGA NOBRE**  
**LIVROS e PAPELARIA**

PUC – Rio 2259-0195



# ETTORE

## CUCINA ITALIANA

**PÃES ANTIPASTOS MASSAS MOLHOS**  
**PIZZAS SALGADOS DOCES TORTAS**

Entregas na Gávea e Leblon  
sábados, domingos e feriados

Av. Armando Lombardi, 800 - lojas C/D. Condado de Cascais, Barra da Tijuca - RJ

Tel.: 2493-5611 / 2493-8939

## Memória de Infância

Casa vazia, sala ampla e muito, muito alta.

Ele sentado na cadeira de balanço vestido de avô, era meu, meu avô que pela primeira vez conheceria.

Num balanço permanente, mastigava um sei lá o quê e me observava brincando solitariamente naquela imensa e de poucos móveis sala.

Tentava ser neta.

Nova experiência. Queria me aproximar, mas me causava estranheza conhecer um “sujeito” que se apresentara como avô paterno tanto tempo depois. Aos sete anos, não sabia o que era ter avô, não sabia como me comportar e a timidez contribuía para tal bloqueio.

Ele cantava uma música estranha, em meio aos balanços e as mastigadas, mas eu só pude compreendê-la alguns anos mais tarde. Era “Asa Branca”, música da terra, da seca, de fé, sua realidade nordestina.

Levantou-se e caminhou em minha direção. Olhou-me de cima para baixo, mostrou-me um sorriso vazio e convidou-me, em poucas palavras, para conhecer o principal ingrediente da pamonha. Conhecer o milho não me parecia nem um pouco divertido, interessante, pois não comia pamonhas e ele, como bom observador, já tinha percebido (em meio à disputa dos primos pela última iguaria nordestina, me fazia indiferente).

Falava comigo em “língua estranha”, mas conseguia compreendê-lo, hoje sei que é dialeto, aprendi na escola.

Mãos calejadas do “roçado” arrancavam de uma em uma as espigas... usando somente as suas mãos de avô. Mastigava...boca murcha, engraçado, eu, criança, com mais dentes que ele.

O que me pareceu um convite pouco interessante, tornou-se um contato mágico e chegamos ao ápice de nossa intimidade. Agarrei suas bochechas enrugadas e magras e disse-lhe que era muito magrinho, magrinho e que seria necessário um caminhão de pamonhas para ficar “fortinho”. Com um sorriso, tipo canto de boca, disse-me: - Não como pamonhas! Riu e tossiu ao mesmo tempo. Não sei se o comentário foi para me agradar, mas já tínhamos algo em comum. Rimos muito. Quando o riso passou completou: - Quando você retornar à casa do vovô estarei assim (inchou as bochechas) e caímos na gargalhada.

De mãos dadas levamos o milho para o preparo da iguaria nativa.

Nunca mais voltei ao sítio, mas vi meu avô por meio de um costume nordestino. Seu defunto parco, sereno, como quem dorme eternizado numa fotografia.

Patrícia Correia de Araújo  
4º Período

## O Mendigo

Lavava as mãos. A água escorria lambendo a palma das mãos podres. Pútridas mãos pulsando culpa. Lavava as mãos esfregando avidamente. Esfregava tentando tirar toda a sujeira - a lama nojenta e vil que grudara. Pelas palmas das mãos entravam os vermes, larvas brancas e roliças carcomendo o individualismo hedonista e apático que há tempos lhe adentrara o ser, tomara-o para si. As mãos agora limpas em um corpo corrupto, corpo cancerígeno, corpo cruel. Maliciosa lama que se metera. Maldita nojeira de uma alma indiferente. Os inocentes do poeta morto que continuavam calados lambuzando-se em seus banhos de óleo reluzente e voluptuoso sob o sol. “Os inocentes”, pensava ela. Ela inocente, ela indiferentemente conivente. E os olhos poços vermelhos velhos vencidos do senhor que nem precisava falar nada. A voz dele que ela não ouviu. A voz seca e pontuda e afiada que a cortava por dentro, navalhando o simulacro dantes intocável. Agora zuniam as vozes como sirenes desvairadas em uma noite de enxaqueca. Seu corpo tomado por sentimentos tristes. Pensamentos tristes. Visões também tristes. Uma noite fria dormindo por de cima do concreto. Concreto da solidão. Repleto de carências e urgências e veemências. Fome, sede, raiva, dor. Tudo invisível. Tudo esquecido, não visto, quase passado por cima pelos inocentes. Agora ela sentia pinçadas e tormentos e contorcia-se na calçada ao lado do velho sofrido da vida. O corpo, as mãos e pés ela já não sentia, ouvir, ela já não ouvia, falar, já não podia. Seus lábios colados por uma tênue membrana aderida ao seu rosto. Só via, e via e via...Lá, um pouco mais adiante na mesma rua escura e molhada, lá, eles estavam todos brindando suas vidas, lamentando suas grandes perdas e feridas, lá, eles quietos conversavam e bebiam amenidades para esquecer seus problemas. E planejavam a próxima viagem e o próximo carro, seus próximos luxos, seus novos vícios. E ela...Sentada...Só via. E eles, cegos, nada faziam.

Anna Parisi - 4º Período

### ACQUA VELVA COWBOY

*Com raiva, da pia tirei  
pente, gilete, pincel e  
joguei tudo lixeira abaixo,  
depois de te botar porta afora.*

*Agora que tudo acabou, quero  
serenar minha loucura,  
beber a acqua velva sem gelo  
azul, linda, cor de curaçau.*

Marilena Moraes  
3º Período

### Antônio

*Não cai uma lágrima  
Será que o corpo  
Já não me responde?  
Será porque não  
Mais vejo sua sombra  
Em volta de mim?  
Será porque sua  
Companhia era  
Sempre dos meus passos?  
Será porque minha  
Alma foi roubada?  
Será porque não  
Podemos mais  
Compartilhar risos?  
Será porque Deus  
É um dos injustos?  
Será porque não  
Me faz mais perguntas?  
Será porque não  
Tenho mais futuro?  
Será porque nossos  
Netos são você?  
Será porque não  
posso desistir?  
Não cai uma lágrima  
Porque quem irá  
Secá-las, agora?*

Ana Maria A. Baião  
8º Período

### Alice

*ao mastigar as horas  
amargo as demoras.*

*a cumbuca vazia  
de açúcar e sal  
e a falsa alegria  
do pôr do sol  
são a vida insossa  
e a nossa lida*

*a dança das cortinas  
ao evaporar o som  
das brisas melódicas  
o vácuo da sensação  
e o sussurro das  
gralhas  
angustiadas pelo  
outono*

*tudo absolutamente  
concomitante à  
ausência do olhar  
ardente de Alice*

*dos olhos de Alice  
cintilam eucaliptos  
amortizando a  
falibilidade  
da humanidade*

Luiz Coelho  
4º Período